

apresentação

A revista *Scripta Uniandrade*, v. 12, n. 2, “Tema livre”, apresenta um painel diversificado sobre temáticas e tendências diversas da literatura brasileira e estrangeira de ontem e de hoje, e sobre a literatura em diálogo com o teatro e o cinema.

Os três artigos iniciais enfocam a prosa e a poesia brasileiras. O ensaio de abertura, de Verônica Daniel Kobs, intitulado “Brás Cubas, o autor-zumbi de *Memórias desmortas*”, sustenta que as narrativas sobre zumbis podem ser consideradas como formas de expressão do gótico na sociedade e na arte contemporâneas. A autora realiza uma análise comparativa entre o romance realista clássico *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, e *Memórias desmortas de Brás Cubas* (2010), de Pedro Vieira, sob o viés da identidade cultural contemporânea, e relaciona o exagêro da obra de Vieira à paródia, à estética *trash* e ao cinema. No artigo seguinte, “A morte é uma festa: carnavalização em *A morte e a morte em Quincas Berro D’Água*”, Marcelo Fernando de Lima e Maurini de Souza estudam a obra que figura no título do ensaio, publicada por Jorge Amado em 1959, a partir de perspectivas teóricas bakhtinianas, com o intuito de demonstrar que a ambivalência, presente no texto do escritor baiano, expressa um aspecto essencial da cultura brasileira como um todo. E, no terceiro artigo desse bloco, intitulado “A poesia visceral e visionária de Augusto dos Anjos”, Sergio Carvalho de Assunção considera o poeta como uma referência fundamental da poesia moderna brasileira, haja vista as inúmeras reedições de sua obra. O pesquisador identifica e explora as marcas comprobatórias da modernidade do poeta, cujos poemas dialogam com as vertentes estéticas e filosóficas da tradição oitocentista e com a experimentação vanguardista do século XX.

Processos de apropriação e adaptação de textos clássicos para outras mídias são abordados em dois artigos. Em “O Édipo ressentido de Pasolini”, Luís Fernando Barnetche Barth realiza um estudo comparativo entre a tragédia *Edipo Rei*, de Sófocles, e o filme homônimo de Pier Paolo Pasolini. Após uma breve discussão sobre o conceito conhecido como Complexo de Édipo, o autor realiza uma crítica psicanalítica, a partir da vida e obra do

cineasta, destacando o aspecto do ressentimento na concepção edípiana do filme. E, em “Shakespeare em versão musical: *Otelo da Mangueira* no ritmo do samba brasileiro”, Célia Arns de Miranda analisa a transposição do *Otelo* shakespeariano para o tradicional universo das escolas de samba dos carnavais do Rio de Janeiro. A autora mostra que as personagens do morro da Mangueira, que disputam o troféu de melhor samba-enredo, são movidas por paixões, ciúmes e traições semelhantes às que caracterizam os intérpretes do universo shakespeariano, e que uma grande parte do texto de Shakespeare é transformado em música, especificamente, em sambas-canções de sambistas brasileiros famosos.

Na sequência, três artigos privilegiam os estudos culturais como objeto de investigação. O ensaio intitulado “Questões de gênero e sexualidade na época e na obra de Shakespeare”, de Anna Stegh Camati, introduz o leitor ao caráter dinâmico do universo sócio-cultural da época elisabetana-jacobina, e traça um panorama do lugar ocupado pela mulher na estrutura patriarcal do início da modernidade. A autora discute estratégias de construtividade textual shakespearianas que, guardadas as devidas proporções, permitem realizar leituras contemporâneas das personagens femininas do dramaturgo. Com base na teoria da performatividade de Judith Butler (1990), o artigo de Adelaine LaGuardia e Raimundo Sousa, “O gênero vestuário e o gênero como vestuário: transgressão de gênero na autobiografia de Margaret Skinnider”, problematiza a identidade de gênero e a dialética entre a sua normatização e transgressão no projeto nacional irlandês, por meio de um estudo de caso, qual seja a análise da autobiografia da militante feminista e nacionalista Margaret Skinnider, que atuou no sangrento Levante da Páscoa. Os autores demonstram a dupla transgressão das normatividades de gênero da militante por meio de seu uso transgressivo do vestuário. E no artigo intitulado “A (des)construção da identidade sexual em ‘Better Be Ready ‘Bout Half Past Eight’, de Alison Baker”, Brunilda T. Reichmann e Kimberly Marjorie Geddes, examinam a (des)construção da identidade, principalmente com relação à sexualidade do protagonista Byron Glass que se defronta com a mudança de sexo de Zach, seu melhor amigo. O conto de Baker é analisado a partir de pressupostos teóricos de Judith Butler (desconstrução de gênero) e Stephen Greenblatt (novo historicismo), levando em consideração a trajetória das mulheres no contexto social dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial.

O ensaio que encerra este painel diversificado de artigos se debruça sobre a ficção detetivesca. Em “Reiventando Sam Spade: o detetive metafísico em *Death in Little Tokyo*”, Carla Portilho, inicialmente, discute o legado do romance *noir* na ficção policial contemporânea produzida fora do centro hegemônico do poder. A partir da noção de detetive metafísico, definido como um investigador que não compartilha das certezas do detetive positivista, a pesquisadora explora a narrativa *Death in Little Tokyo* (1996), de Dale Furutani, na qual o agente, ao tentar desvendar um caso de assassinato, acaba resgatando a memória, a história e a cultura da comunidade na qual se insere.

Por fim, a diversidade de trabalhos elaborados sob diferentes enfoques e abordagens, que figura neste número da revista, evidencia uma pluralidade de novas visões possíveis sobre textos literários escritos em um passado recente ou remoto, e oferece *insights* relevantes sobre obras publicadas recentemente.

As editoras

[Voltar para o Sumário](#)